

# A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA GREGA PARA O NOVO TESTAMENTO: BREVE ENSAIO INTRODUTÓRIO

---

Cynthia Horn<sup>1</sup>

## Resumo

Neste ensaio, dá-se foco à língua grega *koiné*, utilizada na construção dos textos do Novo Testamento. A crítica textual, no tocante aos textos, visa organizar, analisar e cotejar os inúmeros manuscritos e diversas outras fontes existentes sobre o cânon neotestamentário tradicionalmente aceito. Este artigo enfoca a língua de escrita do Novo Testamento e examina algumas informações primárias sobre o motivo pelo qual a cultura grega (incluindo o idioma), notoriamente, influenciou vários povos, principalmente a partir das conquistas de Alexandre, o Grande. O objetivo desse estudo é apresentar uma pesquisa de campo que lance um olhar sobre a história literária e demonstre a importância do idioma helênico para a escrita dos textos do Novo Testamento.

**Palavras-chave:** Novo Testamento; Língua grega; Textos neotestamentários; Grego *koiné*; Manuscritos do Novo Testamento.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 19/04/2024  
Approved: 04/06/2024

**Como citar:** HORN, C. A importância da língua grega para o Novo Testamento: breve ensaio introdutório. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1622, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1622>

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, (Brasil). E-mail: [cynthiahorn@uol.com.br](mailto:cynthiahorn@uol.com.br)



# THE IMPORTANCE OF THE GREEK LANGUAGE FOR THE NEW TESTAMENT: A BRIEF INTRODUCTORY ESSAY

## Abstract

This essay focuses on the Koine Greek language, used in the construction of the New Testament texts. Textual criticism, concerning the texts, aims to organize, analyze and compare the countless manuscripts and various other sources related to the traditionally accepted New Testament canon. This article focuses on the language in which the New Testament was written and examines some primary information on why Greek culture (including its language) notably influenced many peoples, mainly from the conquests of Alexander the Great. The objective of this article is to present field research that takes a look on literary history and demonstrates the importance of the Hellenic language for the writing of New Testament texts.

**Keywords:** New Testament; Greek language; New Testament texts; Koine Greek; New Testament manuscripts.

# LA IMPORTANCIA DEL IDIOMA GRIEGO PARA EL NUEVO TESTAMENTO: BREVE ENSAYO INTRODUCTORIO

## Resumen

En este ensayo, se enfoca en la lengua griega koiné, utilizada en la construcción de los textos del Nuevo Testamento. La crítica textual, en lo que respecta a los textos, tiene como objetivo organizar, analizar y cotejar los numerosos manuscritos y otras fuentes existentes sobre el canon neotestamentario tradicionalmente aceptado. Este artículo se centra en la lengua escrita del Nuevo Testamento y examina algunas informaciones primarias sobre la razón por la cual la cultura griega (incluido su idioma), notoriamente, influyó en diversos pueblos, principalmente a partir de las conquistas de Alejandro Magno. El objetivo de este estudio es presentar una investigación de campo que ofrezca una perspectiva sobre la historia literaria y demuestre la importancia del idioma helénico para la redacción de los textos del Nuevo Testamento.

**Palabras clave:** Nuevo Testamento; Lengua griega; Textos neotestamentarios; Griego koiné; Manuscritos neotestamentarios.

## INTRODUÇÃO

A cultura e, principalmente, a língua grega, são de grande importância para a construção dos textos do Novo Testamento canônico. É possível perceber essa tessitura sendo construída desde os primórdios do cristianismo, no século I d.C., até



o período da confecção do primeiro texto canônico neotestamentário. Isso demonstra a relevância da língua grega para os escritos do Novo Testamento.

Na época do nascimento de Jesus Cristo, a cultura grega, já implantada, influenciava a região do Oriente Próximo, com cidades estabelecidas na Ásia Menor. Este fato importante já se desenvolvia havia cerca de oito séculos. Jesus cresceu na Galileia, uma região rodeada por cidades que continham culturas helênicas, cuja língua grega era comum. A língua falada por Cristo era o aramaico, mas seus discípulos e outros escritores que vieram a compor a literatura do Novo Testamento escreveram em língua grega (STAMBAUGH, 1996, p. 9).

A história dos textos neotestamentários possui a sua gênese no século I d. C., tendo como ponto de partida a primeira carta do apóstolo<sup>2</sup> Paulo, a denominada *Primeira Carta aos Tessalonicenses*, que foi redigida por volta do ano 50 d. C. e depois copiada diversas vezes, ainda no tempo de Paulo, para ser lida em várias igrejas fundadas pelo próprio autor.

Kümmel (2003), dissertando a respeito do *corpus paulinum*, afirma que suas coleções já estavam escritas e suas cópias circulavam já ao final do século I d. C. (KÜMMEL, 2003, p. 179). No ano 95 d. C., na *Primeira Carta de Clemente*<sup>3</sup>, destinada à igreja de Corinto, facilmente se discerne textos que remetem à *Carta de Paulo aos Romanos* e à *Primeira Carta aos Coríntios*. Encontram-se igualmente, na *Carta de Clemente*, referências a trechos das *Epístolas aos Gálatas*, *aos Filipenses* e *aos Efésios*.

Depreende-se que, tanto em Roma quanto em Corinto, as epístolas paulinas, no século I, já eram conhecidas, circulavam e eram citadas (ALAND, 2013, p. 42). Acredita-se que, ao receber tais escritos paulinos, as igrejas que eram formadas, logo em seu início, os liam em culto, em voz alta, e ainda compartilhavam com outras comunidades de fé, que então os copiavam. Assim, foram preservados e colecionados.

O autor, Paulo, recomenda em uma das suas cartas: “E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia, lede-a igualmente perante vós” (Cl 4:16). Esta era

---

<sup>2</sup> O termo *apóstolos* do grego significa “um delegado, mensageiro, alguém enviado com ordens”, sendo aplicado aos doze apóstolos (STRONG, 1996, p. 585). Pode-se acrescentar ao significado da palavra a ideia de uma pessoa que ocupa a posição de serviço com maiores responsabilidades em uma comunidade cristã (1 Co 12:28) (WILBUR, 1984, p. 32).

<sup>3</sup> Esta carta é considerada o escrito cristão mais antigo a não fazer parte do cânon do Novo Testamento.



uma prática comum em todas as igrejas, principalmente nas fundadas por Paulo. Desse modo, tais cópias resultaram na preservação desses textos.

Paulo nasceu em um período em que a cultura helênica era largamente difundida, o que se confirmava na existência de um dialeto grego<sup>4</sup> recorrente, denominado *koiné*, tanto em sua modalidade erudita, mais próxima ao grego ático do Período Clássico da Grécia Antiga, quanto em sua modalidade popular, como era comumente falada em meio a determinadas regiões e comunidades. Foi nessa última modalidade que o Novo Testamento foi redigido, adquirindo, por assim dizer, um caráter *katholikos* (universal), bem condizente com a própria proposta da religião nascente.

O apóstolo é uma prova eficaz de que seus textos foram redigidos inteiramente em língua grega, pois, mesmo sendo criado em ambiente misto (judaico e greco-romano), escolheu o uso do *koiné*. Paulo era natural de Tarso, na Cilícia, uma cidade marcada por uma amálgama de culturas e filosofias oriundas da influência do helenismo. O termo helenismo é comumente utilizado para designar a cultura grega implantada em diversas regiões, como o Mediterrâneo Oriental e o Oriente próximo, em um processo iniciado em 332 a.C., e consolidado, principalmente, através das batalhas e conquistas de Alexandre Magno (MARCONDES, 2007, p. 93).

Paulo fazia parte de um grupo de judeus com conhecimento da língua hebraica, mas que adotaram, em suas missivas e no dia a dia, a língua grega. Esse grupo de judeus veio da diáspora e manteve sua cultura, pois gozava de respeito por parte do Império Romano, poder dominante nesse período, que lhes permitiu a permanência dos costumes e das leis do judaísmo, incluindo a língua.

Como exemplo desse respeito pelos hebreus, observa-se que, no sábado, dia em que os judeus não trabalhavam, os governantes de sua época os dispensavam de suas obrigações, permitindo-lhes essa liberdade. Com relação ao idioma, os judeus adotaram uma língua “universal”: o grego *koiné*.

Stambaugh (1996) afirma que o grupo judaico advindo da diáspora encontrava-se, no início da era cristã, estando presente em várias localidades do Império Romano, tanto nas cidades quanto no campo. Ele ocupava diversas posições dentro da estrutura social. Havia, então, soldados judeus, oficiais do governo, magistrados,

---

<sup>4</sup> O grego é, por assim dizer, um membro da família linguística do Indo-Europeu, embora alguns linguistas a denominem Indo-Germânica (HORTA, 1983, p. 18)



mascates, coletores de taxas, proprietários de terra, artesãos, donos de navios, entre outras ocupações. Era óbvio que a cultura greco-romana se introjetaria no povo judeu desse tempo, sendo a língua o aspecto mais marcante, pois os judeus aderiram de fato ao grego como língua, em todas as esferas da sociedade (STAMBAUGH, 1996, p. 40-43).

Apesar de as cartas serem um gênero literário muito usual no período greco-romano, na atividade eclesiástica elas tornaram-se um modelo de doutrina e instruções a respeito da nova fé cristã. Isso ocorreu a partir de Paulo, que inovou esse gênero com um viés doutrinário de ensinamentos cristãos em suas comunidades de fé, principalmente naquelas por ele implantadas. Desde que o apóstolo começou a escrever suas missivas, outros também redigiram textos, baseando-se nesse mesmo modelo de escrita. Esse hábito de utilização de cartas para doutrinar as igrejas perdurou até o século seguinte, como, por exemplo, no caso do Bispo Inácio de Antioquia,<sup>5</sup> que escreveu cartas às comunidades da Ásia menor durante o trajeto em que era conduzido para ser martirizado em Roma.

## NOVO TESTAMENTO

Todo o texto neotestamentário foi escrito em idioma grego, inclusive as citações do Antigo Testamento utilizadas por seus autores, as quais vieram da tradução na versão da *Septuaginta* (LXX), que já estava em língua grega.

O Novo Testamento possui 27 livros em sua totalidade. A história de formação de cada um deles, desde os primeiros autógrafos até chegar às cópias manuscritas perdidas e às primeiras existentes, apresenta, como é natural, particularidades, pois são diversos autores com estilos diferentes. Entretanto, defende-se aqui que uma abordagem do *corpus Paulinum*, pautando-se apenas no momento de suas primeiras redações, pode elucidar uma característica que é comum a todo texto da Antiguidade: seu valor literário e histórico, preservado ao longo do tempo por meio de achados arqueológicos, traduções e conservação. Assim, o Novo Testamento possui autores com características diferentes e gêneros diversificados, mas é unificado pelo idioma presente em todo o seu conteúdo.

---

<sup>5</sup> Inácio, bispo de Antioquia, foi levado, no tempo do imperador Trajano, ao anfiteatro de Roma para ser morto por animais ferozes. Durante essa viagem, da Síria até Roma, escreveu sete cartas (ver ALTAMER, 1956, p. 107).



## MATERIAL DE ESCRITA

Os materiais utilizados para os escritos neotestamentários eram o papiro e o pergaminho, que eram comuns na época, não só nesses manuscritos, mas em diversos outros tipos de textos compostos no mesmo período.

Os papiros eram feitos de uma planta da família das ciperáceas, encontrada, por exemplo, às margens do rio Nilo. Várias dessas plantas eram cortadas em talas e colocadas em camadas cruzadas e fixadas umas às outras, sendo finalmente envolvidas em torno de uma vara, formando o conhecido rolo. O pergaminho, por sua vez, era confeccionado a partir de peles de animais, como, por exemplo, ovelhas, cabras ou bezerras, que eram tratadas, raspadas e secas ao sol, para, finalmente, serem então cortadas em folhetos, sobrepostos uns aos outros.

## INFLUÊNCIAS DOS TEXTOS NEOTESTAMENTÁRIOS

Observa-se, no caminho que desemboca nos textos do Novo Testamento, três grandes influências oriundas de povos diferentes a respeito da composição literária do cristianismo em sua gênese: judeus, romanos e gregos.

Primeiramente, cita-se o povo judeu, que contribuiu com os já escritos e completos 39 livros que compunham o Antigo Testamento e que posteriormente deram origem à obra conhecida como *Septuaginta*.<sup>6</sup> Outra contribuição desse povo era a visão judaica a respeito de Deus como único, o que contrastava com a cultura politeísta predominante na época. Destaca-se, ainda, que os demais judeus da diáspora incorporaram boa parte da cultura do mundo greco-romano, em diversos aspectos de seu dia a dia. A língua helênica, como vimos, também fez parte dessa apropriação.

A seguir têm-se os Romanos. Eles, que estavam no poder político no período da escrita neotestamentária, contribuíram principalmente com a *Pax romana* e, com suas reconhecidas habilidades administrativas e bélicas, colaboraram ainda com a construção de estradas e a garantia de segurança, permitindo, assim, as condições adequadas para a propagação da mensagem do Evangelho de Cristo. Visto que se tratava de uma religião nascente, os missionários precisavam expandi-la por meio de

---

<sup>6</sup> A tradução grega da Torá foi realizada no Egito, no terceiro século a.C. Cerca de quatrocentos anos separam a tradução do Pentateuco da última tradução contida na *Septuaginta*.



viagens de divulgação e evangelização, o que, com as estradas e a segurança disponíveis, puderam fazer sem maiores empecilhos.

Finalmente, deve-se mencionar os gregos, com sua cultura e, principalmente, com sua língua, que se tornou praticamente universal, sendo usada em todos os textos da época, datados do século I d. C., os quais hoje compõem o Novo Testamento.

Conforme supracitado, no período da produção das Cartas Paulinas, foram redigidos os primeiros textos que viriam a ser colecionados. As influências mencionadas acima desempenharam um papel decisivo na composição da literatura da época, e o idioma grego foi fundamental nesse processo. Ainda que o domínio, por volta do ano 50 d.C., já estivesse nas mãos dos romanos, a cultura e língua gregas perduraram por vários séculos. A cultura dos períodos helenístico e romano era geralmente expressa por meio da literatura, o que fez com que a língua grega tivesse uma grande importância para a divulgação e a escrita do Novo Testamento, assim como de outros textos da época (KOESTER, 2005, p. 2).

Poder-se-ia aventar a hipótese de que o hebraico seria a escolha mais plausível como língua de escrita para os textos neotestamentários, uma vez que era o idioma natural do povo judeu. Outro argumento seria que os judeus já possuíam o Antigo Testamento em hebraico antes da tradução da LXX. Embora o Novo Testamento não tivesse seu cânon definido na época da escolha do idioma, séculos depois, com a formação do cânon, ele seria agregado à Bíblia como a conhecemos hoje, composta pelo Antigo e pelo Novo Testamentos, ainda que os autores neotestamentários não tivessem esse pensamento em sua época. Esses argumentos são mais uma prova para demonstrar a importância do grego *koiné*, uma vez que ele foi o escolhido para o processo de construção literária em sua totalidade.

Sobre o período da escrita do Novo Testamento no século I d. C., Stambaugh afirma que existiam, convivendo no mesmo contexto e espaço territorial, pelo menos quatro idiomas mais falados na Palestina: o latim, o grego, o aramaico e o hebraico (STAMBAUGH, 1996, p. 78). O que teria, de fato, levado Paulo e os demais escritores desses textos cristãos primitivos a escreverem em grego? O que aconteceu naquele lapso de tempo para que a língua grega se tornasse o principal meio de comunicação?

No período de produção da escrita do Novo Testamento (século I d. C.), as regiões onde essas escrituras foram disseminadas eram, em sua maioria, de fala



grega ou, no mínimo, conheciam o grego para poderem traduzi-las. Isso nem sempre foi assim, mas, para entender como se chegou a um idioma considerado “universal” na época mencionada, é necessário remeter a séculos anteriores, a fim de dimensionar esse efeito e obter algumas respostas.

Aristóteles foi o preceptor daquele que empreendeu viagens e batalhas na conquista de vários territórios, implantando a cultura grega e, conseqüentemente, o idioma: Alexandre, o Grande, rei da Macedônia. Sob sua liderança, os exércitos de seu reino expandiram os domínios entre 332 e 323 a.C., consolidando essa influência cultural. As campanhas militares lideradas por Alexandre incluíram a conquista do Império Persa, da Ásia Menor, do Egito e, em direção ao Oriente, até as fronteiras da Índia. Essas vitórias fizeram com que Alexandre fosse conhecido como “o Grande”, ou seja, Magno.

Alexandre, o Grande, fundou cidades gregas em alguns pontos estratégicos que poderiam servir de influência para outras regiões próximas. Assim, no período conhecido como helenístico, a cultura grega foi amplamente disseminada (STAMBAUGH, 1996, p. 09-10). Quando morreu, em 323 a.C., com apenas 33 anos, deixou um mundo modificado e permeado pela cultura grega.

Para que seja possível entender as conquistas em pauta, alguns aspectos e conceitos do período precisam ser mais bem explanados, a fim de proporcionar um entendimento mais amplo. Cordero menciona que a pólis era uma estrutura social, não semelhante a uma cidade em tempos atuais, mas a um conjunto de cidadãos unidos em torno de leis próprias, gozando de autonomia. Contudo, Atenas, por exemplo, passou a ser, após a derrota na batalha de Queroneia, parte da Macedônia, integrando-se ao governo de Felipe, pai de Alexandre, o Grande. Ao serem transferidas para outro domínio, as leis de uma cidade precisam, obrigatoriamente, ser alteradas. O conceito de pólis, dessa maneira, foi perdendo sua força, e a autonomia dos cidadãos se dissipando (CORDERO, 2008, p. 167).

Após a morte de Alexandre, não houve quem desse seguimento à sua visão de hegemonia. Seus generais tornaram-se seus sucessores e assumiram uma postura de liderança nas várias localidades que lhes foram atribuídas, obtendo um espaço específico, ficando à frente do comando e governo de cada uma das dinastias advindas do império legado por Alexandre (STAMBAUGH, 1996, p. 10).



Mesmo após o domínio completo do mundo mediterrâneo pelos romanos, que, ao final do século I a.C., puseram fim à Dinastia Ptolemaica, muitos dos aspectos e características do helenismo permaneceram nos territórios conquistados, como, por exemplo, o já destacado idioma grego *koiné*, presente em alguns exemplos de literatura. Há textos como os do escritor Sexto Empírico e os de Plotino, ambos escritos em língua grega, que permitem o conhecimento de detalhes importantes do passado, já que ambos conviveram com a cultura da cidade de Alexandria (fundada por Alexandre em 332 a.C.) (MARCONDES, 2007, p. 93).

## A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA GREGA

A história da língua grega é bastante extensa. Contudo, é importante salientar que os gregos, ao se misturarem a outras nações, até mesmo antes de Alexandre, o Grande, e por serem um povo fortemente dedicado ao comércio de mercadorias, inclusive por via marítima, foram alastrando a língua grega por onde passavam. Essa língua foi se diferenciando de acordo com a região onde se fixavam. Surgiram a partir disso variadas formas, e a linguística tornou-se fragmentada (HORTA, 1983, P. 66-67).

A língua grega teve cinco períodos distintos e importantes, os quais Hoffmann denomina assim: período formativo (1500 a 900 a.C.); período clássico (900 a 330 a.C.); período *Koiné* (330 a.C. a 330 d. C.); período bizantino (330 a 1453 d.C.); e período moderno (1453 d.C. até os dias atuais) (HOFFMANN, 2011, p. 10).

Para que houvesse uma unidade linguística, era necessário falar um único dialeto, como o ático, por exemplo. No período das conquistas alexandrinas, esse era o dialeto predominante. Contudo, conforme os gregos avançavam por várias regiões geográficas, formaram-se regionalismos. Nesse processo, houve uma mescla de um grego jônico, que, ao mesmo tempo, misturou-se a uma linguagem popular comum, os chamados vulgarismos. Todas essas formas se entrelaçaram, formando o idioma grego *koiné diálektos* (língua comum), conhecido como o fenômeno linguístico da época. A maioria dos povos passou então a se comunicar, escrever e negociar em língua grega *koiné* (HORTA, 1983, P. 66-67).

Buzzetti esclarece que, em cada época, o grego relativo aos textos neotestamentários era estudado cotejando-se obras literárias da mesma língua, tanto escritos anteriores a 300 a.C. quanto a própria *Septuaginta*. Entretanto,



existiam diferenças na escrita do idioma grego devido a hebraísmos e até a uma mistura de aramaico, fenômenos linguísticos típicos oriundos de como falavam os autores desses textos. É fato que a língua grega foi se transformando de acordo com a região geográfica, resultando em alguns regionalismos no dialeto *koiné* (BUZZETTI, 1999, p. 25).

Buzzetti ainda explica que, em tempos mais recentes, quando se começou a estudar os textos na sua língua original, houve um certo período em que foi aventada a crença de que o Novo Testamento era exclusivo, sendo uma língua puramente religiosa. Fato é que, como material de cotejo para estudar o grego *koiné*, foi necessário utilizar textos literários – cartas, recibos, listas, contratos e testamentos – registrados em materiais diversos, tais como papiros, cerâmicas, óstracos, de época mais próxima, inseridos no período helênico.

Assim, foi possível obter uma noção ampla do grego falado, o popular (comum). Surpreendentemente, esse idioma grego apresentou-se uniforme, com poucas variações entre outros dialetos. Portanto, pode-se afirmar que a língua grega dos textos neotestamentários era comum (*koiné*) e não exclusiva, contrariando a hipótese de que seria uma língua exclusivamente “religiosa” (BUZZETTI, 1999, p. 26-27).

## MANUSCRITOS E OUTRAS FORMAS DO TEXTO DO NOVO TESTAMENTO

A história do Novo Testamento está, em um primeiro momento, nos seus manuscritos escritos e copiados, os quais perduraram até séculos posteriores ao século I d. C. ainda na língua grega. No seguimento das cópias, surgiram outras traduções, como as em copta, gótico e latim. Os autógrafos (originais) não existem mais. Entretanto, na seção seguinte desse estudo, apresenta-se um pequeno panorama das cópias em grego, bem como de algumas outras traduções que fazem parte desse percurso, além de um breve histórico até os tempos atuais.

### PAPIROS EM UNCIAIS (MAIÚSCULAS)

Os papiros foram os primeiros a serem confeccionados. Escritos em letras unciais (maiúsculas), esses manuscritos predominaram até o século IV. Para o estudo



do Novo Testamento, os mais importantes são classificados como se demonstra na sequência, com informações extraídas de Paroschi (1993, p. 45-47):

- *P<sup>45</sup>* (Papiro Chester Beatty I) – Foi adquirido em 1930 de um egípcio por Beatty, o que explica o nome do papiro. Continha 30 folhas de um códice, escritas em uma só coluna: duas folhas de Mateus, seis de Marcos, sete de Lucas, duas de João, treze de Atos e duas de outro livro. É datado do início do século III.
- *P<sup>46</sup>* (Papiro Chester Beatty II) – Com 86 folhas, está em excelente estado de conservação e inclui as Epístolas Paulinas e a Epístola aos Hebreus. A data provável do papiro está entre o final do século II e início do século III.
- *P<sup>52</sup>* (Papiro Rylands 457) – Foi adquirido no Egito por B. P. Grenfell em 1920 para a biblioteca em Manchester, cujo nome está associado ao papiro Rylands. Sua data remonta ao início do século II. O P52 é o fragmento de manuscrito mais antigo de um evangelho canônico. Este documento é de aproximadamente 100 d. C. e contém um trecho do texto de João 18:31-33.
- *P<sup>66</sup>* (Papiro Bodmer II) – Foi adquirido em 1955, no Egito, por M. Martin Bodmer. Contém o Evangelho de João. A data provável do papiro está entre o final do século 2 e o início do século 3.
- *P<sup>72</sup>* (Papiro Bodmer VII e VIII) – Contém as Epístolas de I e II Pedro, a Epístola de Judas e outros escritos, incluindo textos apócrifos. A data provável de sua composição situa-se entre os séculos III e IV, tendo sido redigido por um escriba de língua copta.
- *P<sup>75</sup>* (Papiro Bodmer XIV e XV) – Contém a maior parte de Lucas e parte de João. Provavelmente, pertence ao século III.

## OS UNCIAIS EM PERGAMINHO

Paroschi (1993, p. 47-52) destaca que, no início do século IV, os papiros caíram em desuso, dando espaço aos pergaminhos. Esses eram inicialmente escritos em unciais (maiúsculos) que perduraram até por volta do século V. O autor classifica os



principais manuscritos relevantes para a Crítica Textual, os quais se encontram arrolados na sequência:

- $\kappa$  ou 01 (Códice Sinaítico) – Foi descoberto por L. F. Constantin Von Tischendorf. Com 347 folhas, contém todo o Novo Testamento e uma boa parte do Antigo Testamento, além de outros escritos. Em forma de cadernos de oito folhas, tem sua data provável em meados do século IV.
- A ou 02 (Códice Alexandrino) – Com 773 folhas, contém todo o Novo Testamento, faltando poucas passagens, e praticamente todo Antigo Testamento, entre outros escritos. Sendo sua data provável do início do século V, por conter algumas formas de escrita em copta, supõe-se que tenha vindo do Egito.
- B ou 03 (Códice Vaticano) – Contém 759 folhas, este manuscrito abrange quase todo o Antigo Testamento e grande parte do Novo Testamento. Estima-se que tenha sido produzido no início do século IV. Pertence à biblioteca do Vaticano e acredita-se que tenha vindo, provavelmente, do Egito. É um dos manuscritos menos retocados e corrigidos, com menor número de erros, e sua circulação é calculada como sendo anterior ao ano 200 d.C.
- C ou 04 (Códice Efraimita) – É o mais importante dos palimpsestos, datado do século V, provavelmente originário do Egito. Atualmente, encontram-se conservadas apenas 64 folhas do Antigo Testamento e 145 do Novo Testamento, com pequenas exceções. Essas folhas estão preservadas de forma imperfeita, embora anteriormente contivessem toda a Bíblia. Sua transcrição original foi feita com grande dificuldade, primeiramente por Tischendorf.
- D ou 05 (Códice Beza) – Com 406 folhas, em duas línguas: grego e latim, é datado do final do século V ou início do VI.
- D<sub>2</sub> ou 06 (Códice Claromontano) – É bilíngue, em latim e grego. Contém 533 folhas, incluindo os palimpsestos 162 e 163. A data provável é do século VI.
- E<sub>2</sub> ou 08 (Códice Laudiano) – Contém 227 folhas, com o livro de Atos em língua grega e latina. A data provável é do século VI.



- *W* ou *032* (Códice Washingtoniano) – Contém 187 folhas dos quatro Evangelhos. A data provável é do século V.
- *Θ* ou *038* (Códice Korideto) – Contêm 249 folhas dos Evangelhos, com data provável do século IX.

## Os Minúsculos

A maior parte dos manuscritos escritos em letras minúsculas foi confeccionada em material de pergaminho. Eles datam do século IX até o século XVI e estão organizados conforme a sequência estabelecida por Paroschi (1993, p. 53-55).

- *f*<sup>1</sup> (Família 1 ou Lake) – Foram copiados entre os séculos XII e XIV, provavelmente derivados de texto de Cesareia dos séculos III e IV.
- *f*<sup>13</sup> (Família 13 ou Ferrar) – Foram copiados entre os séculos XI e XIII e apresentam características do texto de Cesareia dos tempos de Eusébio e Orígenes.

Estas duas famílias citadas são as mais proeminentes. Seguem-se outros minúsculos (PAROSCHI, 1993, p. 54-55):

- *33* – Denominado o “rei dos minúsculos”, é conhecido desde o século XIX. Foi escrito ainda no século IX, sendo semelhante ao Códice Vaticano.
- *565* – Também foi escrito no século IX. Trata-se de uma cópia produzida com esmero e luxo, contendo letras em ouro e pergaminho púrpura.
- *1739* – Foi escrito no século X, com notas de Irineu, Clemente, Orígenes e Basílio. A data provável de sua escrita é final do século IV.
- *2053* – Foi escrito no século XIII.

## Lecionários

Os lecionários são textos que eram utilizados em cultos para leitura e reflexão, contendo trechos do Novo Testamento. Confeccionados em pergaminho, surgiram provavelmente no século III ou no início do século IV (PAROSCHI, 1993, P. 57).

## Óstracos



Dá-se o nome de óstracos aos fragmentos de jarros ou de louça quebrados. Foram encontrados em grande quantidade no Egito e na Palestina. Tinham diversos usos. Por serem materiais mais baratos, destinados a classes consideradas de menor estrato social, continham recibos, memorandos e passagens do Novo Testamento (PAROSCHI, 1993, p. 57).

### Talismãs

Os talismãs eram feitos em madeira, cerâmica, papiro e pergaminho. Contendo pequenas porções das Escrituras, faziam parte dos amuletos usados para afastar o mal. Esses materiais datam entre os séculos IX e XIII.

### CONCLUSÃO

A história da construção do Novo Testamento, desde o seu início, perpassa por variadas nuances. A cultura grega, juntamente com o seu idioma, exerceu grande influência na escrita dessa obra e nas demais produções da época romana.

A história e a cultura do povo helênico foram essenciais para a construção do Novo Testamento, contribuindo para a disseminação dos textos que o compõem e que, até hoje, mantêm sua importância. Com a utilização de uma língua que se tornou universal desde o Período Helenístico, o chamado grego *koiné*, foi facilitada a redação e o conhecimento do conteúdo dos textos neotestamentários e, igualmente, sua tradução e disseminação. A língua grega *koiné*, portanto, foi de vital utilidade para a escrita e para a divulgação de textos de valor perene, inserindo-se nesse rol o Novo Testamento.

### REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como teoria e prática da moderna crítica textual.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALTAMER, Berthold. **Patrologia.** Madrid: Espasa Calpe S.A, 1956.

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1998.

BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos.** Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus; São Paulo: Editora Academia Cristã, 2011.



- BUZZETTI, Carlo. **Bíblia e suas Transformações**. São Paulo: Ave Maria, 1999.
- CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica**. Tradução de Lucy lamakami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CORDERO, Néstor. **La Invención de la Filosofía: una Introducción a la filosofía antigua**. 1. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008
- CULLMANN, Oscar. **A Formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- HALE, Broadus. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos. 2001.
- HOFFMANN, Edgar. **Introdução ao Grego Bíblico: História, Gramática e Tradução**. Mato Grosso: Sinop. 2011.
- HORTA, Guida. **Os gregos e seu Idioma: manual prático da língua grega clássica e da cultura helênica**. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio. 1983.
- KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento (volume 2): História e literatura do Cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005.
- KÜMMEL, Werner. **Síntese Teológica do Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- METZGER, Bruce; EHRMAN, Bart. **The Text of New Testament: its transmission, corruption, and restoration**. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2005.
- PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- STAMBAUGH, John; BALCH, David. **O Novo Testamento em Seu Ambiente Social**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.
- STEGEMANN, Ekkehard; Stegemann, Wolfgang. **Historia Social del Cristianismo Primitivo: Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo**. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino, 2001.
- STRONG, J. **The new Strong's complete dictionary of Bible words**. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1996.
- GINGRICH, Wilbur.; DANKER, Frederick. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.